

**A + B (22 set. 1886)\***

A. – Ora viva! Há que tempo que o não vejo!<sup>1</sup>

B. – Estive doente; apanhei uma constipação.

A. – Eu, quando encontro alguma,<sup>2</sup> deixo-a estar onde está; não me abaixo a apanhá-la.

B. – Pois bem; podia lá ter deixado também essa tolice. É um trocadilho que data do primeiro constipado, – talvez Adão; –<sup>3</sup> pode ser que as primeiras folhas de figueira fossem tão somente uma camisa de flanela rudimentária... Enfim, você promete não dizer outra?

A. – Já vejo que você ainda está impertinente. Constipação malcurada. Vamos a saber,<sup>4</sup> não leu nada? não sabe nada?

B. – Sei vagamente uma história de emendas que passaram no senado,<sup>5</sup> e que provavelmente não passam na câmara.<sup>6</sup> Que se há de fazer em tal caso?

A. – Fusão, naturalmente.<sup>7</sup>

B. – Fusão? Explique-me isso pelo miúdo. Quer uma pastilha?

---

\* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XII, n. 264, p. 1, 22 set. 1886), DRR (p. 21-24) e OCA2008 (v. 4, p. 662-663). Texto-base: GN. Editores: Gilson Santos e José Américo Miranda.

<sup>1</sup> que o não vejo!] que não o vejo! – em DRR e em OCA2008.

<sup>2</sup> alguma,] alguma – em DRR e em OCA2008.

<sup>3</sup> – talvez Adão; –] talvez Adão; (sem os travessões) – em OCA2008.

<sup>4</sup> Saber,] “ber, – em GN. Seguimos a leitura de Raimundo Magalhães Júnior, em DRR.

<sup>5</sup> senado,] Senado, – em OCA2008 (nesta edição, em todas as ocorrências, essa palavra traz inicial maiúscula).

<sup>6</sup> câmara.] Câmara. – em OCA2008 (nesta edição, em todas as ocorrências, essa palavra traz inicial maiúscula). Sobre as diferenças nos resultados das votações na câmara e no senado, ver a crônica anterior, e, em especial, a nota n. 12 em “A + B (16 set. 1886)”.

<sup>7</sup> A fusão consistia na votação pela assembleia geral, que reunia as duas casas do parlamento (câmara dos deputados e senado). Ver nota n. 12 em “A + B (16 set. 1886)”.

A. – Não, obrigado. Você há de saber que o sistema parlamentar, como todos os sistemas, deve ter uma definição. A melhor de todas (modéstia à parte<sup>8</sup>) é a minha.

B. – Diga.

A. – Confusão das<sup>9</sup> línguas, fusão dos votos. As línguas divergem, trabalham, confundem-se, daqui o hebraico, dali o caldaico; mas as línguas cessam, e falam então os votos. Trata-se no caso presente de uma confusão de línguas, início de uma fusão de votos, que acabará por uma difusão de pessoas.

B. – Sem trocadilho?

A. – Sem trocadilho.

B. – Mas o senado pode negar a fusão?

A. – Há opiniões, uns dizem que não, outros que sim, e este ponto depende dos partidos. Assim os liberais entendem que não se pode negar, os conservadores que sim. Quando a maioria do senado for conservadora, nega;<sup>10</sup> quando for liberal concede. Você vê que não há nada mais estável, mais definitivo que isto. Mais definitivo que isto só a morte; e ainda assim não sei.

B. – Mas agora?

A. – Agora é provável que haja fusão; demais, trata-se do orçamento, e aí está a finura da rejeição da emenda Correia.<sup>11</sup> Orçamento ou revolução.

B. – Entendi; mas diga-me: não era melhor que, por meio de poderes especiais, se definisse bem esse ponto constitucional da fusão obrigatória ou facultativa?

A. – Upa! Você falou agora como um doutor. *Cabricias autem*, como diz o médico de Molière.<sup>12</sup> Poderes especiais, ponto constitucional, fusão obrigatória ou

---

<sup>8</sup> à parte] aparte – em GN; a parte – em OCA2008.

<sup>9</sup> das] de – em DRR e em OCA2008.

<sup>10</sup> nega;] nega, – em DRR e em OCA2008.

<sup>11</sup> Acreditamos que se refira ao Sr. Manuel Francisco Correia (1831-1905), senador pelo Paraná, entre 1877 e 1889. (Cf. <<https://bit.ly/2C7U2Ks>>.) Não conseguimos esclarecer com certeza do que tratava a “emenda Correia”. A atividade parlamentar, no período em que foram escritas estas crônicas, estava toda voltada para as votações do orçamento. Houve, entretanto – e o senador Correia participou do processo com uma emenda, juntamente com o senador Saraiva –, uma votação acerca da questão da escravidão, relacionada à interpretação da lei de 28 de setembro de 1885, também chamada Lei Saraiva-Cotegipe ou Lei dos Sexagenários. (Cf. “Boletim parlamentar” e “Diário das câmaras”, *Gazeta de Notícias*, p. 1-2, 18 set. 1886.) O senador Correia, com o senador Afonso Celso, participou de pelo menos uma outra emenda, sobre outro assunto. (Cf. “Diário das câmaras”, *Gazeta de Notícias*, p. 2, 1º set. 1886.) Pelas datas em que as matérias apareceram nos jornais, o mais provável é que esta crônica se refira à emenda noticiada em 18 de setembro (a mais próxima no tempo). A destriça dessa matéria, e o esclarecimento do que trata a “emenda Correia” mencionada nesta crônica, dependem de mais acurados estudos. É sugestivo de alguma coisa (não muito clara para nós) que, depois de falar da “emenda Correia”, venha este período (de significação aparentemente obscura): “Orçamento ou revolução.”

facultativa... Mas você não vê que tudo isso é comprido, leva tempo, muito tempo, e que esta vida não chega a netos? Que haja alguma dificuldade grave em 1914, por causa desse ponto, é possível; mas que temos nós com 1914? Há de haver gente em 1914. Ou você crê que tudo acaba em 1913?

B. – Não.

A. – Logo...

B. – E de eleição de senadores<sup>13</sup> como vamos? Creio que é no dia 7 de outubro. Nada de chapa liberal?<sup>14</sup>

A. – Como não? Já está organizada; aqui está ela.

B. – Queixavam-se de que o nosso Otaviano<sup>15</sup> não queria organizar nada; mas afinal parece...

A. – Parece o quê?

B. – Que Alexandre<sup>16</sup> deixou a tenda e tomou o comando das forças dispersas.

A. – Não, senhor; Alexandre é mais fino; abdicou o império...<sup>17</sup>

B. – Em quem?

---

<sup>12</sup> Citação (truncada?) de fala de Sganarelle, em latim macarrônico, em *Le médecin malgré lui* (ato II), de Molière: “*Cabricias arci thuram*”. (Cf. <<https://bit.ly/3ezYsY1>>.)

<sup>13</sup> senadores] Senadores – em OCA2008.

<sup>14</sup> A eleição de senadores, a ser realizada em 7 de outubro, teve, nas fileiras liberais, alguma controvérsia. Veja-se a diferença, registrada na imprensa, entre os partidos Conservador e Liberal: “Nos arraiais conservadores trabalha-se ativamente pela chapa, e esta deve ser *batida*. Como sempre, aquele partido faz o seu trabalhinho às caladas, e com a certeza de que levará a melhor. / Os liberais, esses reúnem-se sob a presidência do seu chefe, o Sr. Visconde de Santa Cruz, e elegend os três nomes que deverão constituir a chapa do partido. / Ao que parece, numeroso grupo da corte e da província revolta-se contra o vencido, dá por apócrifos a reunião, o chefe e as deliberações tomadas, e proclama a bandeira da revolta, apresentando outros nomes e outras chapas! / Sempre o partido liberal...” (“Crônica da semana”, *Gazeta de Notícias*, p. 1, 26 set. 1886.) No dia 18 de setembro, quatro dias antes da publicação desta crônica, o Partido Liberal havia definido a seguinte chapa: “Comendador Malvino da Silva Reis, negociante. / Conselheiro Eduardo de Andrade Pinto, advogado. / Dr. Manuel Rodrigues Peixoto, fazendeiro.” (“Eleição de Senador”, nas Publicações a Pedido, *Gazeta de Notícias*, p. 2, 30 set. 1886.) No dia 24 de setembro de 1886 (p. 2), a *Gazeta de Notícias* trazia, entretanto, o anúncio de outra chapa liberal: “Comendador Malvino da Silva Reis, negociante. / Dr. Pedro Dias Gordilho Pais Leme, fazendeiro. / Dr. Manuel Rodrigues Peixoto, fazendeiro.” Uma terceira chapa, acompanhada de justificativa, aparece nesta mesma data, no mesmo jornal (p. 3): “Depois da declaração feita pelo conselheiro Eduardo de Andrade Pinto, que exprime fielmente os sentimentos dos verdadeiros liberais da corte e província, pedimos aos nossos correligionários todo o apoio para a seguinte chapa: Conselheiro Eduardo de Andrade Pinto. / Tenente-general Henrique de Beaurepaire-Rohan. / Dr. Adolfo Bezerra de Meneses. / *A dignidade do partido liberal.*” O conselheiro Eduardo de Andrade Pinto, conforme se lê na mesma *Gazeta de Notícias*, na mesma data, p. 2, tinha desistido de sua candidatura. Nesta última chapa aparece o nome de Beaurepaire-Rohan, que será mencionado em “A + B (28 set. 1886)” – próxima crônica desta série.

<sup>15</sup> Francisco Otaviano de Almeida Rosa (1825-1889) foi poeta, jornalista e político, com atuação em vários órgãos da capital do Império, e senador pela província do Rio de Janeiro entre 1867 e 1889. (Cf. <<https://url.gratis/YbhaT>>.)

<sup>16</sup> Alexandre (356-323 a.C.), rei da Macedônia, comumente conhecido como “Alexandre, o Grande”.

<sup>17</sup> império...] Império... – em OCA2008.

A. – Não designou nomes; fez como<sup>18</sup> o macedônio, deixou-o *ei qui esset optimus*;<sup>19</sup> e não houve briga pela definição. *Optimus* apareceu, reuniu, presidiu e concluiu. Dê cá uma pastilha.<sup>20</sup>

B. – Tome lá duas.

JOÃO DAS REGRAS.

### Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

DRR – *Diálogos e reflexões de um relojoeiro*.

GN – *Gazeta de Notícias*.

OCA2008 – *Obra completa, em quatro volumes*, Nova Aguilar, 2008.

### Referências

A BÍBLIA sagrada: o Velho e o Novo Testamento. Traduzida em Português segundo a Vulgata Latina por Antônio Pereira de Figueiredo. Lisboa: Tipografia Universal, 1867.

ASSIS, Machado de. A + B. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XII, n. 264, p. 1, 22 set. 1886. Disponível em: <<https://url.gratis/EQq2h>>.

---

<sup>18</sup> como] mocô – em DRR e em OCA2008.

<sup>19</sup> A expressão latina *ei qui esset optimus* pode ser traduzida por “aquele que foi o melhor”. (Tradução nossa) Trata-se de frase da obra *De rebus gestis Alexandri Magni (Life and exploits of Alexander the Great)*, de Quintus Curtius Rufus. Alexandre teria dito a frase ao ser indagado, no leito de morte (Cf. RUFUS, 1854, p. 254.), sobre quem deveria sucedê-lo – daí o “abdicou o império”, sem designar nomes, que aparece na crônica como metáfora para a escolha dos candidatos liberais ao senado.

<sup>20</sup> A parte final do diálogo, a partir do ponto em que Francisco Otaviano é mencionado, tem lá suas dificuldades: Machado lança mão da figura de Alexandre, o Grande, para referir-se às dificuldades de formação da chapa liberal para concorrer à eleição para o senado. Quando se lê “fez como o macedônio”, fica sugerido ao leitor que há dois Alexandres: o Grande, da história antiga, e um contemporâneo – que seria o chefe dos liberais. Francisco Otaviano é mencionado; porém, a notícia da reunião que escolheu a chapa afirma que o chefe liberal que a conduziu foi o visconde de Santa Cruz. (“Crônica da semana”, *Gazeta de Notícias*, p. 1, 26 set. 1886; “Notícias de várias procedências”, *Jornal do Commercio*, p. 2, 19 set. 1886.) O visconde de Santa Cruz, José Maria de Carvalho (1834-?) não pertencia propriamente a nobreza brasileira, seu título lhe havia sido concedido por d. Luís I, rei de Portugal. Embora não saibamos a data de sua morte, sabemos que ele estava vivo em 1894, pois, nesse ano, foi agraciado com a grã-cruz de S. Gregório Magno pelo papa Leão XIII. (*Jornal de Recife*, p. 2, 17 fev. 1894.) Tudo indica que Francisco Otaviano “abdicou” a condução do processo de escolha dos candidatos ao senado; tudo indica, também, que ele não indicou o visconde para conduzir a sessão – José Maria de Carvalho foi o *Optimus*. É tão cerrada a lógica dessa passagem, que julgamos conveniente esta nota.

ASSIS, Machado de. *Obra completa, em quatro volumes*. LEITE, Aloizio; CECILIO, Ana Lima; JAHN, Heloisa (Org.). 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. 4 v.

ASSIS, Machado de. *Diálogos e reflexões de um relojoeiro*. Organização, prefácio e notas de R. Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.

HORBACH, Carlos Bastide. O parlamentarismo no Império do Brasil: origens e funcionamento. *Revista de Informação Legislativa*, Brasília, v. 43, n. 172, p. 7-22, out.-dez. 2006. Disponível em: <<https://bit.ly/2OtPIHX>>.

HOUAISS, Antônio, VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MOLIÈRE. *Le médecin malgré lui*. (Université Paris 4 – Sorbonne) Disponível em: <<https://bit.ly/3ezYsY1>>.

RUFUS, Quintus Curtius. *De rebus gestis Alexandri Magni (Life and exploits of Alexander the Great)*. New York: Appleton Company, 1854. Disponível em: <<https://url.gratis/QAuTk>>.

SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. 12. ed. Rio de Janeiro / Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2006.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Academia Brasileira de Letras / Global, 2009.  
Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>